

ESTRATÉGIA

Antídoto para a intolerância

Fundado em 2001, o Instituto de Desenvolvimento e Gestão (IDG) encontrou, há pouco mais de uma década, uma lacuna no mercado: a gestão privada de projetos de interesse público, assim como a implementação de iniciativas culturais e ambientais. Assim, a organização privada, sem fins lucrativos, buscou unir profissionais com experiência de gestão e desenvolvimento de conteúdo. O primeiro projeto foi o do Paço do Frevo, em Pernambuco, que segue sob gestão do IDG. Atualmente, são dez projetos em curso, incluindo o Museu das Favelas, em São Paulo, e o maior projeto do instituto, o Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro. Neste ano, o grupo iniciou um processo de reposicionamento, adotando o propósito "Esperançar futuros possíveis". Diretor-geral do IDG, **Ricardo Piquet** aposta nos espaços culturais como ferramenta para estabelecer diálogos e divide caminhos para a construção de contrapartidas customizadas juntos às empresas patrocinadoras.

TAÍS FARIAS | tfarias@grupomm.com.br

GOVERNANÇA EM CULTURA

Quando nós nos dispomos a fazer gestão com recursos públicos, através de um contrato de gestão, pressupõe por meio dessa legislação de organizações sociais que você se apresente com segurança para o poder público repassar antecipadamente recursos. É isso que qualifica uma OS, uma ONG, para ser organização social de um município, de um estado ou até da federação. Esse arcabouço de governança que montamos começa com a Assembleia Geral. Tem um conselho de administração, um conselho fiscal, auditoria externa independente, um conjunto de diretores estatutários e a gestão executiva do projeto. É um modelo que nos deu, até hoje, aquilo que buscávamos em termos de segurança jurídica e financeira para trabalhar. Porque uma instituição dessa natureza não tem uma empresa por trás. Ela não tem um endowment que dê segurança financeira ad aeternum. Nós dependemos da nossa segurança jurídica e financeira para fazer os projetos.

RELAÇÃO COM OS PATROCINADORES

Temos aprendido a nos relacionar com os diversos interesses. Não apenas de governo, mas, principalmente, de empresas privadas. De construir equações de contrapartidas feitas para cada um, de acordo com as necessidades ou com os valores que eles têm. Na hora que construímos uma primeira ponte, é fundamental um alinhamento de propósitos. Se encontramos um parceiro, uma empresa privada, que pense parecido conosco no propósito, é meio caminho andado. Depois, vamos construir de que forma o exercício daquele propósito se dá em uma relação entre a empresa patrocinadora e a instituição que vai gerir esse projeto cultural. Essa percepção de propósito comum e da customização da contrapartida são fundamentais para que possamos abrigar o desejo do parceiro em determinado projeto. Não é mais a prática do dia a dia, hoje, que as empresas procurem oportunidades de investimento única e exclusivamente para assinar o projeto, para colocar sua logomarca ali dentro. Hoje, é muito comum encontrar bons executivos. Aliás, os melhores são aqueles que se apresentam interessados no propósito, no impacto.



Piquet: percepção de propósito comum e customização da contrapartida são fundamentais

TECNOLOGIA NOS MUSEUS

Principalmente nesses espaços culturais e museais você oferece a experiência a partir da percepção dos públicos que imagina que estarão ali. O melhor caminho é pensar sempre na acessibilidade. Como dar acesso à maior variedade de públicos? Como é que você transforma esse num ambiente agradável para um turista, para uma pessoa trans ou para um autista se sentir acolhido? A tecnologia vem a serviço dessa entrega, pode melhorar o seu entendimento, o seu conforto. A tecnologia faz uma tradução de libras automática, que pode ser estabelecida como padrão de acessibilidade. Depois, a tecnologia pode dar uma experiência, uma sensação, um prazer, porque simplesmente olhar um objeto

de um museu com a placa embaixo não dá. E, por fim, o mais difícil, mas o mais legal, é você provocar na pessoa que teve aquela experiência orgulho de ter participado daquilo. Quando montamos o Museu da Língua Portuguesa, o objetivo era que todo brasileiro entrasse ali e saísse orgulhoso de falar português. Esse era o grande objetivo. É você entrar no Museu do Futebol e sair com orgulho de que o futebol é parte da identidade cultural brasileira e não somente aquele jogo entre quatro linhas.

CULTURA E MEIO AMBIENTE

A relação do cidadão com a natureza é o princípio básico que fomentou a criação do Museu do Amanhã. Mas acho que ele foi além. Falar de amanhã é inédito, por-

que nunca ninguém disse que museu foi criado para falar do futuro. O museu foi criado para falar do passado. Tanto que fui apresentar o Museu do Amanhã em um congresso na China, convidado pela Unesco. E um grupo disse assim: "Você apresentou um museu que não existe porque não tem coleção fixa". Olha, se esse museu não existe na sua visão, é porque não existe mesmo. Ele só existe para quem percebeu que aquilo é uma maneira de contar histórias. E, para contar histórias, não preciso de peça. Imagina um museu da língua portuguesa, que é um bem intangível, precisar de peça para falar da língua. O Museu do Amanhã também não precisa. No ano passado, fui chamado pelo ICOM (Conselho Internacional de Museus, na sigla inglesa) para falar sobre sustentabilidade, natureza e cultura. Eles colocaram na pauta do ICOM a necessidade de todos os museus fazerem a correlação dos hábitos culturais e a relação com o planeta, que sempre estiveram muito juntos; nós que descolamos. O padrão de consumo, os hábitos culturais e a preservação da natureza a partir dos seus saberes ancestrais sempre existiram. Mas o mundo dos museus nunca tratou assim. Acho que essa é uma relação que, agora, parece estar ficando mais clara.

RESPONSABILIDADE DAS INSTITUIÇÕES CULTURAIS

As instituições culturais têm a oportunidade de fazer uma mediação. Elas precisam exercitar esse diverso, aceitar críticas, ampliar a escuta e ser um espaço de diálogo, de todos os lados. A única dificuldade que você tem é quando se tem extremistas dos dois lados e eles não querem conversar. Ai, não adianta. Mas os espaços culturais estão habilitados e prontos. Eles têm os valores adequados para ampliar o debate e trazer as pessoas para um ambiente comum, em que se respeita o diverso, o contraditório. Cada vez mais, vamos contar com as instituições culturais a partir dos seus próprios valores intrínsecos como ferramenta desses diálogos que não estão existindo. É nisso que eu acredito e isso pode ser uma ferramenta importante para a sociedade, claro. Mas também para as empresas e os governos. Empresas que queiram investir e associar esse investimento nos seus relatórios de ESG.